

I

LONDRES

Estávamos quase chegando no Victoria and Albert Museum quando vimos uma multidão saindo da porta de entrada e atravessando a Rua Cromwell, forçando nosso táxi a parar no meio do caminho. O motorista virou-se e deu de ombros para mim e Luke, como se quisesse dizer que não poderíamos ir além dali, uma vez que centenas de pessoas se enfileiravam em direção à entrada arqueada em uma mancha de cor e movimento, como um cardume. Todos estavam lá para ver minha exposição.

Sem conseguir esperar nem mais um segundo, saí do táxi, e meu olhar foi atraído pelo cartaz pendurado na parte de cima da construção. Dizia: Tesouros Perdidos do Século 19 – a letra escura sobressaía sobre o fundo laranja brilhante. Sob as palavras havia a imagem de um leque feminino aberto, para mostrar o cetim branco esticado sobre a armação de ossos de baleia e a corrente, confeccionada com um cordão de seda com um pingente curvado para cima feito o rabo de um tigre. Mais especiais do que os lírios e as rosas douradas pintadas na frente do leque, eram aquelas palavras escritas à mão sobre o forro:

“Para o homem, o amor é algo à parte; para a mulher, é a sua própria existência.” — Byron

O museu escolhera esse objeto pequeno e íntimo como a joia da coroa da coleção e o apresentara no cartaz e nas propagandas, ignorando trabalhos de mestres artesãos e artistas, bem como de antiguidades étnicas raras da Rota da Seda. Conseguia imaginar a empolgação do funcionário do museu ao encontrar as palavras e a assinatura de George Gordon Noel, o lorde Byron, no forro daquele pequeno e misterioso leque.

O leque era muito precioso para mim, nunca quis me separar dele. Mas, quando estávamos empacotando as caixas para enviá-las anonimamente ao V&A (despachadas através do meu advogado, para que não soubessem que me pertenciam), eu o separei e o coloquei de volta em seu lugar na prateleira; mas Luke o empacotou, pensando ter sobrado das pilhas empoeiradas das lembranças a serem jogadas fora. Quis pegá-lo de volta, mas era tarde demais: não conseguíamos pensar em uma maneira de pedir ao museu para devolvê-lo sem abrir as portas para questionamentos.

Era um dos poucos presentes que Jonathan, o amor da minha vida, tinha me dado. Depois de fugir de Boston, fomos parar em Pisa. Aquele verão estava tão quente que Jonathan, cansado de me ouvir reclamar sobre o calor do nosso quarto abafado na hospedaria, comprou um leque para que pudesse me refrescar. Era todo adornado, feito para ocasiões formais, e não muito apropriado para minha humilde situação. Mas ele não tinha a mínima noção de moda nem sabia como cortejar mulheres, já que sempre fora ele o cortejado. Por isso, dei ainda mais valor ao presente, pois era a prova de que ele realmente me amava, já que tentara me agradar.

Quanto à inscrição no forro, Byron escrevera aquelas palavras como um consolo íntimo para mim, pelas muitas vezes que tive que me esconder atrás do leque para não dizer nada enquanto as mulheres italianas se jogavam sobre Jonathan bem em frente aos meus olhos. Mas isso foi em 1822, há muito tempo. Agora, fazia três meses que ele se fora.

Ainda estava olhando para o cartaz quando Luke pagou o motorista e saiu do táxi.

— Pronta para ir, Lanny? — perguntou, deslizando a mão com confiança até a parte de trás das minhas costas, para me guiar pela multidão. Os olhos dele brilhavam de entusiasmo. — É uma virada e tanto! Quem poderia imaginar que tantas pessoas ficariam interessadas pelas coisas da

sua sala? — Brincou, pois conhecia muito bem as maravilhas que mantive comigo por tanto tempo.

Partimos em direção à primeira galeria, o hall reverberava com o som das vozes. Não fiquei inteiramente surpresa com o sucesso da exposição, apelidada pela imprensa de exposição misteriosa”, pois houve um alvoroço na cidade desde que a doação anônima fora anunciada nos jornais. O V&A não foi o único museu a receber doações misteriosas: museus na França, na Itália, na Rússia, na Turquia, no Egito, no Marrocos e na China também receberam carregamentos de tesouros misteriosos, mas a instituição britânica recebera a maior parte, num total de mais de trezentas peças. A história, mostrada nos noticiários ao redor do mundo, gerou tanta curiosidade que os diretores do V&A resolveram montar rapidamente uma exposição para atender ao pedido do público.

Jamais exibido ao público antes, mostrava o cartaz à nossa esquerda enquanto a fila continuava aumentando. Uma coisa era verdade: esses itens estiveram amontoados em algum lugar durante o século passado, tendo chegado até mim como presentes e tributos, ou foram roubados, no caso dos itens mais tentadores.

Luke fora o motivo pelo qual resolvi me desfazer de tudo. Através dele, vi minha casa com outros olhos e percebi que ela tinha se tornado um cemitério de lembranças de minhas vidas passadas, cômodos repletos de coisas das quais não conseguia me livrar. Eu havia acumulado e me apegado a tudo aquilo com uma paixão irracional, mas dizia a mim mesma que era isso o que os colecionadores faziam. Agora percebo que mentia para mim mesma, pois não queria enfrentar a verdade: eu era uma colecionadora obsessiva para substituir o que eu mais queria e não podia ter: Jonathan.

Viramos e entramos na sala da exposição. O primeiro item à mostra, colocado dentro de uma caixa e sobre um pedestal, era o leque. Ele brilhava sob uma luz intensa, resplandecente como um fantasma. As pessoas se amontavam ao redor do pedestal, esbarrando gentilmente em mim enquanto eu olhava para aquele objeto que um dia me fora tão querido.

— Foi mesmo o lorde Byron quem escreveu isso? — Luke me perguntou, esquecendo-se de que as pessoas ao nosso redor não conheciam o meu segredo.

Ergui minhas sobrancelhas.

— Aparentemente, sim. Pelo menos é isso o que a descrição diz.

Ficamos presos no fluxo de pessoas que se movimentavam pela galeria, e fui forçada a dedicar momentos longos e silenciosos diante de cada peça. Era quase como se os objetos estivessem me repreendendo por ter revelado nossa vida privada ao mundo. Eu mesma me sentia culpada ao olhar para alguns deles, os mais íntimos, por tê-los abandonado desse jeito. No entanto, mais do que qualquer coisa, sentia pânico ao ver minha vida — uma vida vivida completamente em segredo — ser aberta ao público. *Nada de bom pode vir dessa traição*, as peças pareciam me avisar.

Primeiro, foi a urna que usava para colocar guarda-chuvas no hall de entrada de minha casa de Paris, que meu amigo Savva ganhara de um casal de exploradores britânicos em um jogo de cartas e que era, como se veio a descobrir mais tarde, uma urna funerária egípcia, que haviam roubado de um sítio arqueológico. Em seguida, foi uma cadeira estilo Império, que ocupava um lugar no terceiro andar: tinha vindo de um pequeno apartamento em Helsinque onde, por pouco tempo, fui amante de um oficial britânico. À medida que olhava para cada peça, me lembrava de sua origem. Sei que deveria estar feliz pelas memórias de uma vida plena, mas a verdade é que eu não estava. Não conseguia parar de pensar em Jonathan. Era como se ele estivesse ao meu lado, e não inconsciente, gelado e enterrado em uma cova sem lápide em um cemitério longínquo.

Jonathan já estivera ausente da minha vida, mas dessa vez era diferente, e isso doía no fundo da alma. Antes, sabia que ele estava em algum lugar do mundo, vivo, porém mais feliz sem mim, as razões dolorosas de sua escolha, seja lá por que, eram justificáveis. Mas agora a ausência dele era permanente. Eu amara Jonathan a vida toda, todos os meus 220 e poucos anos, e estava quase me acostumando com o fato de que nunca mais o veria.

Quando Jonathan voltou para mim, brevemente, no final, vi que ele mudara de uma maneira que eu nunca poderia imaginar. Deixara de ser o adolescente egoísta que eu conhecera e fora trabalhar em campos de ajuda voluntária, cuidando de doentes e refugiados, enquanto eu, para ser bem honesta, não havia mudado quase nada. Havia uma parte de mim que acreditava que eu merecia minha incurável condição de imortalidade, uma

punição imposta a mim por um homem extremamente cruel. Adair também vira o mal em mim e sabia que eu merecia uma punição. Eu só podia esperar ser redimida se Jonathan não soubesse de nada, como Adair queria. De qualquer forma, suspeitava que o que quer que fosse que atraía Adair ainda não fora completamente exorcizado e continuava dentro de mim. Não precisava de mais provas além do fato de ter usado Luke no hospital, um homem recentemente arrasado pela perda, para me ajudar a fugir.

E, claro, havia a dor de eu ter sido a pessoa que tirara a vida de Jonathan, mesmo ele tendo pedido por isso. Essa dor, eu tinha certeza, nunca passaria. Balancei a cabeça para me livrar daquele pensamento; hoje era o dia de dizer adeus ao passado e abraçar o presente.

— Você está bem? — Luke perguntou de repente, tirando-me de meus pensamentos.

— Estou. É só...

— É demais. Eu entendo. — Ele tocou no meu rosto; talvez por eu estar um pouco ruborizada. — Acho que não foi uma boa ideia ter vindo... Quer ir embora?

— Não, ainda não. — Apertei a mão dele. Ele apertou a minha de volta.

Continuamos a andar devagar, e, enquanto Luke focava na exposição, eu prestava atenção nas feições dele. Ele não percebia que eu o observava e olhava fixamente para as peças em exposição. Luke não se achava bonito, especialmente se comparado ao perfeito exemplar que era Jonathan, a quem tinha visto no necrotério. Eu tentava fazê-lo entender que ele tinha seu próprio charme.

Formávamos um casal bonito, Luke e eu, se não fosse pela diferença de idade. Em público, sempre o viam como a figura paterna enquanto eu era a garotinha apaixonada. Ninguém que nos visse suspeitaria de que era exatamente o contrário: eu era a mais velha, e incredivelmente mais velha. A verdade era que me sentia à vontade com um homem dessa idade. E daí se os cabelos grisalhos começavam a se misturar com os fios castanhos? Homens jovens eram enfadonhos. Eu não queria passar pelas crises de impaciência, ciúmes, raiva. Já testemunhara o amadurecimento de homens jovens vezes suficientes para saber que resistiriam a qualquer tipo de conselho das mulheres em suas vidas. Não, preferia a estabilidade de Luke, seu bom senso.

Não era só isso o que sentia, mas também devia isso a ele. Ao me ajudar a fugir, tinha me poupado a dificuldade de ser julgada por assassinato. Um homem menos evoluído teria titubeado diante do impossível, teria fingido não ver a prova que lhe dera de que eu *era imortal*, teria me entregado ao xerife sem pensar duas vezes. Mas Luke tinha me tirado às escondidas do Maine e atravessado a fronteira até o Canadá, deixando sua vida para trás e vindo até Paris, e agora Londres, comigo. Como não poderia amá-lo, depois de tudo o que fizera por mim?

A coragem que ele demonstrara naquele dia foi apenas uma das atitudes que me atraíu nele. Eu *precisava* de Luke. Ele era meu porto seguro, meu ombro amigo; impediu-me que me fechasse em mim mesma, esmagada pelo peso do que havia acabado de fazer. Pela primeira vez em muito tempo, estava com alguém que cuidava de mim, que me fazia feliz e me protegia. Era incrivelmente atraente ser o objeto da afeição dele, estar sempre em seus pensamentos e ser tão desejada a ponto de ele não conseguir tirar as mãos de mim. Seu toque forte fazia eu me sentir segura, e havia algo em seu comportamento — talvez fosse a confiança de médico — que me encorajava a seguir adiante com minha vida. Sem ele, talvez tivesse me transformado em um poço de tristeza e sofrimento.

Luke puxou-me para mostrar um tapete de seda vermelho e dourado, estilo Hereke, tão leve quanto um lenço de papel, adquirido durante uma viagem a Constantinopla. Disseram-me que era um tapete mágico voador (uma negociação ao estilo turco tradicional), apesar de nunca ter voado: a beleza era seu próprio valor.

— Ai! Era para eu ter mandado isso para a Turquia? — ele cochichou em meu ouvido.

— Não, era para vir para cá — assegurei-lhe. Na verdade, não fazia diferença em qual museu estava. O que importava é que o passado estava sendo deixado de lado e eu estava pronta para seguir adiante.

Nesse exato momento, percebi o olhar de Luke recair sobre duas meninas na fila, encarando as mãozinhas envoltas por uma maior, seus rostos felizes inclinados na direção do pai. A expressão de Luke ficou mais melancólica. Ele certamente sentia saudades das filhas tanto quanto eu sentia de Jonathan. Sua ex-mulher, Tricia, ficara irritada ao saber que o

ex-marido não só tinha me ajudado a fugir, mas também estava morando comigo. Ela suspeitava que ele, além de ter perdido o bom senso, também perdera o juízo. Eu odiava ser a responsável por Luke não poder ver as filhas. Foi só depois de ele ter trocado uma série de e-mails com Tricia que ela lhe permitiu que falasse com as garotas ao telefone.

— Aqui — eu disse, colocando Luke em pé em frente a um dos cartazes. Tirei a foto dele com meu celular. — Pode mandar para as meninas.

Ele semicerrou os olhos, sem ser grosseiro.

— Acha que é uma boa ideia? Tricia ainda está brava por eu ter ido embora sem dizer nada. Ela diz que o xerife em St. Andrew fica ligando para perguntar se tem notícias minhas. Pode ser que ela fique pê da vida ao ver uma foto minha de férias enquanto ela tem que lidar com meus problemas.

— Pode ser. Mas pelo menos as meninas vão saber que, não importa o que faça ou aonde vá, você pensa nelas; que sempre está pensando nelas.

Luke concordou, apertou meu braço e continuamos nossa visita pela exposição. Depois de um tempo, o tumulto da multidão tornou-se pesado demais para mim. Puxei a manga da camisa de Luke e disse:

— Preciso sair daqui.

Sem perguntar nada, ele pegou minha mão e saímos da galeria. Hora de deixar o passado para trás.

Fomos ao terceiro andar e entramos no corredor longo e escuro em que estavam as pinturas do século 19, britânicas e americanas. A atmosfera ali era silenciosa, como se o tempo tivesse parado. O restante do museu estava mais vazio do que o normal, devido à abertura da exposição especial, e nossos passos cortavam o silêncio e ecoavam pela sala como espíritos batendo nas paredes.

Essa sala, com as paredes repletas de pinturas a óleo, sempre me fascinou, e eu a visitei todas as vezes em que estive em Londres, religiosamente. Sempre amei as obras luminosas de Rosseti e Millaise, a melancolia deixando-as ainda mais belas. Da parede, os quadros de Burne-Jones, de Blake e de Reynolds olhavam para nós. Mulheres brancas como lírios, com longos cabelos cacheados, os rostos pesados com expressões chorosas de amor, segurando um buquê de rosas caídas, vestidas inadequadamente, como se

estivessem no teatro clássico grego. Acho que era o ar de sobriedade das modelos que me cativava: a sensação de que elas sabiam que o amor era passageiro e, quando muito, imperfeito, mas, mesmo assim, que a busca por ele valia a pena. Elas eram amaldiçoadas por buscarem o amor, sempre. Talvez eu fosse atraída por essa sala por ser o lugar ao qual eu pertencia, posta em uma vitrine, mantida com outras coisas fora do tempo do hoje. Eu seria um objeto curioso, como uma boneca de corda ou um pássaro extinto, as excentricidades que os vitorianos adoravam, só que eu seria um artefato vivo, com quem as pessoas poderiam falar e fazer perguntas.

Olhava para uma pintura com os olhos semicerrados na penumbra — essa sala era sempre tão escura — quando senti um zumbido na nuca. A princípio, achei que fosse só uma dor de cabeça por toda a agitação do dia, ou pela claustrofobia de ser engolida pela multidão (que eu evitava sempre que possível), ou pela dissonância em ver minhas coisas em um local estranho... mas eu nunca tinha dores de cabeça, nem podia pegar uma gripe ou quebrar um osso. O zumbido vibrava fraco, porém familiar, na base do crânio, onde se juntava à coluna, e provocava arrepios incessantes que desciam por minhas costas como uma velha máquina esquecida, que, de repente, voltou a funcionar depois de um longo tempo sem uso. O zumbido era mais do que um som: parecia conter sentimentos, assim como uma borrifada de perfume pode trazer uma lembrança de volta à memória. O zumbido era tudo isso. Assim que me dei conta dele, não conseguia pensar em outra coisa.

Foi então que compreendi que aquilo era um sinal, como a corrente elétrica que liga uma máquina. Eu fora contatada, e a apreensão que carregara comigo durante dois séculos cresceu dentro de mim, preenchendo todas as células do meu corpo. Podia tentar fugir do passado, mas, aparentemente, o passado ainda não estava pronto para quebrar seus vínculos comigo.

Virei-me para Luke e o alcancei; o medo turvou minha visão. Meu sangue congelou-se nas veias.

— Lanny, o que é? — Luke perguntou com a voz cheia de preocupação. Desesperada, agarrei-lhe a lapela do casaco.

— É Adair. Ele está livre.